

# Antonio Gramsci e a análise de sociedades de desenvolvimento desigual<sup>1</sup>

**Danilla Aguiar**

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Professora no Departamento de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

[jdanillaaguiar@hotmail.com](mailto:jdanillaaguiar@hotmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-4996-0275>

## Resumo

Gramsci se destaca pela sua criatividade no trato do marxismo, aprofundando temáticas relativas a aspectos superestruturais da dominação capitalista, respondendo questões quanto à estratégia de transição ao socialismo, considerando a vontade nacional-popular e as diferentes formações econômico-sociais. O autor dos *Quaderni del carcere* abriu possibilidades para pensar em distintas estruturas sociais presentes do “Oriente” e “Ocidente” sob uma perspectiva estratégica de transição ao socialismo, em sociedades que experimentam um desenvolvimento desigual. Neste artigo, a partir de seu marxismo, vinculado à leitura das particularidades regionais, enfatizamos como Gramsci se preocupa em analisar as causas da derrota da revolução socialista ao passo que propõe uma tática frentista operário-camponesa que responde aos anseios das classes e dos grupos subalternos. Foi o primeiro marxista a usar a categoria *subalterno* com uma densidade teórica não experimentada anteriormente, e é a partir dessa categoria que destacamos seu encontro com a América Latina. Nas breves conclusões, indicamos como o militante italiano enriqueceu as categorias originárias do marxismo clássico, como o próprio conceito de *classe*.

**Palavras-chave** desenvolvimento desigual; subalternidade; marxismo.

---

<sup>1</sup> Os debates aqui apresentados se encontram nos primeiros capítulos da tese de doutorado da autora (Aguiar, 2017).

---

## Antonio Gramsci and the analysis of societies with an uneven development

### Abstract

Gramsci stands out for his creativity in dealing with Marxism, deepening themes related to superstructural aspects of capitalist domination, answering questions about the transition strategy to socialism, considering national-popular will and the various economic-social formations. The author of *Quaderni del carcere* opened up possibilities for thinking about different social structures existing in the 'East' and the 'West' from a strategic perspective of transition to socialism, in societies with an uneven development. In this article, based on his Marxism, linked to reading regional particularities, we emphasize how Gramsci is concerned with analyzing the causes of the socialist revolution's defeat while proposing a worker-peasant front line tactic that responds to the aspirations of subaltern groups and classes. He was the first Marxist author to use the category *subaltern* with a theoretical density not previously experienced, and it is through this category that we highlight his encounter with Latin America. In the brief conclusions, we point out how the Italian militant enriched the original categories of classical Marxism, such as the very concept of *class*.

**Key words** uneven development; subalternity; marxism.

## Antonio Gramsci y el análisis de sociedades con desarrollo desigual

### Resumen

Gramsci se destaca por su creatividad al tratar el marxismo, profundizando temas relacionados con aspectos superestructurales de la dominación capitalista, respondiendo preguntas sobre la estrategia de transición al socialismo, considerando la voluntad nacional-popular y las diversas formaciones económico-sociales. El autor de los *Quaderni del carcere* abrió posibilidades para pensar las diferentes estructuras sociales existentes en "Oriente" y "Occidente" desde una perspectiva estratégica de transición al socialismo, en sociedades con un desarrollo desigual. En este artículo, a partir de su marxismo, vinculado a la lectura de las particularidades regionales, destacamos cómo Gramsci se preocupa por analizar las causas de la derrota de la revolución socialista al tiempo que propone una táctica obrero-campesina desde el frente que responde a las aspiraciones de las clases y los grupos subalternos. Fue el primer marxista en utilizar la categoría *subalterno* con una densidad teórica nunca antes experimentada, y es a través de esta categoría que destacamos su encuentro con América Latina. En las breves conclusiones, señalamos cómo el militante italiano enriqueció las categorías originales del marxismo clásico, como el concepto mismo de *clase*.

**Palabras clave** desarrollo desigual; subalternidad; marxismo.

## Antonio Gramsci et l'analyse des sociétés au développement inégal

### Résumé

Gramsci se distingue par sa créativité dans le traitement du marxisme, en approfondissant les thèmes liés aux aspects superstructurels de la domination capitaliste, en répondant aux questions sur la stratégie de transition vers le socialisme, en tenant compte de la volonté nationale-populaire et les différentes formations économique-sociales. L'auteur des *Quaderni del carcere* a ouvert des possibilités de réflexion sur les différentes structures sociales existant à «l'Est» et à «l'Ouest» dans une perspective stratégique de transition vers le socialisme, dans des sociétés au développement inégal. Dans cet article, à partir de son marxisme, lié à la lecture des particularités régionales, nous soulignons comment Gramsci se préoccupe d'analyser les causes de la défaite de la révolution socialiste tout en proposant une tactique ouvrière-paysanne de front qui répond aux aspirations des classes et les groupes subalternes. Il fut le premier marxiste à utiliser la catégorie *subalterne* avec une densité théorique jamais connue auparavant, et c'est à travers cette catégorie que nous soulignons sa rencontre avec l'Amérique Latine. Dans les brèves conclusions, nous soulignons comment le militant italien a enrichi les catégories originelles du marxisme classique, comme le concept même de *classe*.

**Mots-clés** développement inégal; subalternité; marxisme.

---

## Introdução

Lênin (2006) pontua a necessidade do marxismo se afirmar como uma concepção de mundo integral. Argumenta em favor de uma imparcialidade da ciência social, sendo o marxismo uma vertente dessa ciência que “declara guerra” a qualquer tipo de dominação, enquanto a ciência oficial liberal a legitima. O marxismo apresenta, ainda, a ímpar característica de ser uma teoria autocrítica que, enquanto se apresenta como uma teoria da história, almeja oferecer uma história da teoria.

O pensamento de Karl Marx estaria pautado no desenvolvimento crítico das ideias e concepções dos pensadores da economia política, do socialismo francês, assim como da filosofia alemã da época. Junto com Frederick Engels, como fundadores do materialismo histórico, estabeleceram a relação entre teoria e práxis como característica intrínseca a essa ciência crítica ao modo de produção capitalista, não oferecendo, contudo, uma teoria marxista da política completa, onde se apresentavam de maneira sistemática as estruturas do Estado e as estratégias e táticas da luta revolucionária, como os pensadores fizeram com a economia burguesa, por exemplo. Essa tarefa foi empreendida posteriormente pelos sucessores do marxismo clássico, como Vladimir Lênin, Karl Kautsky, Leon Trotsky, Rosa Luxemburgo e Antonio Labriola, nessa geração mais jovem, todos desempenhando destacados papéis na direção de seus respectivos partidos nacionais, vinculados à sua vida política e ideológica.

Anderson (2004) destaca que, a partir da derrota da revolução nos países centrais da Europa, inaugurou-se outra perspectiva de abordagem da teoria marxista, onde as discussões giravam em torno do Estado e com atributos de cunho filosófico, em um universo contrastante de derrota revolucionária e crescimento econômico do capitalismo. A esse fato se soma a ausência de notáveis levantes revolucionários pós-década de 1920 na Europa. O autor indica que uma série de características definiria e delimitaria o “marxismo ocidental” como uma tradição integrada (Anderson, 2004)<sup>1</sup>. Entretanto, a característica fundamental seria o gradativo e lento distanciamento entre esse marxismo e a prática política. A unidade orgânica entre prática e teoria, característica da geração clássica de marxistas, que desempenhou uma função intelectual orgânica e política dentro de seus

---

<sup>1</sup> Segundo o autor, essa corrente é representada fundamentalmente por Gramsci (1891-1937), Walter Benjamin (1892-1940), George Lukács (1885-1971), Louis Althusser (1918-1990) e Theodor Adorno (1903-1969), entre outros, em uma nova configuração intelectual, atentando aos problemas da produção do conhecimento sob uma perspectiva marxista, onde a questão do método assume centralidade, salvaguardando o marxismo no âmbito das ciências e, ainda, atentando ao estudo do tema cultura, onde se destaca a obra de Gramsci e Benjamin (Anderson, 2004). Os novos teóricos do marxismo faziam parte de uma geração onde a experiência política do pós-guerra havia sido marcante, assim como a revolução russa, o avanço do fascismo e a Segunda Guerra Mundial. Como uma busca do “movimento real das coisas” e almejando desnudar a realidade, entre as décadas de 1920 e 1930, na Europa, o marxismo se concentrou na Alemanha, França e Itália, três países que contavam com partidos comunistas de massa, aos quais aderiram importantes setores da classe operária, somando-se a uma numerosa intelectualidade revolucionária.

---

respectivos partidos, iria perder-se pouco a pouco em meados do século XX (Anderson, 2004) <sup>2</sup>.

Com todas as ressalvas que se pode ter diante das interpretações de Anderson (2004), acerca da divisão do marxismo e das proposições para o que viria a ser a corrente do marxismo ocidental, ele é o intelectual que, estando ciente dos debates que ocorriam em parte da Europa, levou-o para um ambiente teórico fechado - a Inglaterra. Com esse empreendimento em vista, marca-se uma posição claramente revolucionária quando o trotskismo ainda era bem minoritário no âmbito do marxismo. Como crítica, também se pode indicar que o autor subestima os processos revolucionários na periferia da Europa e que não confere qualquer destaque à América Latina em sua análise sobre o marxismo ocidental, desconsiderando toda a tradição revolucionária latino-americana, inclusive a Revolução Cubana. O que caracteriza o marxismo ocidental para Anderson (2004) seria a elaboração teórica que surge após a derrota da revolução na Europa, uma elaboração prática que se distancia da política das classes operárias.

Nesse sentido, Antonio Gramsci se diferencia dos demais autores que Anderson (2004) indica como marxistas ocidentais, visto que o marxista sardo postula a relação entre teoria e prática revolucionária e volta-se completamente à tradição clássica do marxismo, alinhando outras temáticas relativas à superestrutura política, formada pela sociedade civil e sociedade política e não somente pela “estrutura econômica”, sem cair na dicotomia economicista “estrutura versus superestrutura”, privilegiando as relações de forças entre as classes em disputa.

A tradição clássica do marxismo nos proporciona a reflexão de que o marxismo pretenderia oferecer uma história da teoria. Antonio Gramsci, na esteira dessa preocupação, avança sobre a necessidade de pensar em uma história integral, para além da história oficial estatal, que privilegia as classes dominantes. Elucida – entre outros temas clássicos que tem sua condição fundante na categoria trabalho – como o monopólio da direção cultural é fundamental para a manutenção da hegemonia de uma classe pela outra. Para Gramsci, todo conceito nasce da história, a forma de apropriação desse conceito é que vai determinar a hegemonia. A própria percepção da historicidade das ideias, ligadas a um tempo histórico determinado e a concepções, são, em última análise, percepções de classe.

Antonio Gramsci se destaca por sua criatividade no trato do marxismo, aprofundando temáticas relacionadas a aspectos superestruturais da dominação capitalista, respondendo questões quanto à estratégia de transição ao socialismo ao considerar a vontade nacional-popular e as diferentes formações econômico-sociais. O autor dos *Quaderni del cárcere*

---

**2** Sobre o tema, Amadeo (2006, p. 50) faz um importante destaque: “excepcionais neste sentido foram os casos de Lukács, Korsch e Gramsci, cujo labor teórico só pode ser compreendido em relação com seus compromissos políticos. Os três foram destacados dirigentes políticos de seus respectivos partidos, e ademais participantes e organizadores de levantamentos revolucionários de massas”.

---

abriu um leque de possibilidades para pensarmos em distintas estruturas sociais do “oriente” e do “ocidente” em uma perspectiva estratégica de transição ao socialismo, em sociedades que experimentam um desenvolvimento desigual.

O fascismo e a burocratização estalinista acabaram por subtrair os potenciais de uma teoria marxista que iria reconciliar teoria e prática revolucionária. A consequência política dessa preponderância de afastamento teórico-prático resultou na ausência de notáveis levantes revolucionários depois da década de 1920, com algumas exceções na periferia da Europa. Rejeitando as interpretações mecanicistas e economicistas do marxismo mais vulgarmente expandido à época, tanto em suas variantes socialdemocratas quanto estalinistas, parte não só da retomada dos temas clássicos, mas incorpora decisivamente aspectos da cultura sob uma perspectiva geral. Porém, não se trata de afirmar que o revolucionário italiano é apenas um teórico da superestrutura ou mesmo um marxista idealista. Suas inquietações partiam do estudo da sociedade italiana – mas não exclusivamente – tratando de temas universais, ao passo que apresentava e cunhava conceitos para a teoria política geral tendo como norte o socialismo em perspectiva internacionalista.

Antonio Gramsci, como um destacado e particular autor, e justamente por essa característica fadado em grande medida a usos e desusos de suas categorias revolucionárias, não pode ser resumido como um teórico de temas relativos a aspectos superestruturais, postula conceitos importantes para a teoria política geral tendo como norte o socialismo. Partimos da hipótese de que conhecer a biografia de Gramsci é pressuposto fundamental para compreender sua obra, que é apresentada a público postumamente. Também se mostra fundamental entender o momento político em que escreve Gramsci e as condições de escrita da sua principal obra - elaborada em regime prisional, sob o regime fascista.

São variadas as correntes teóricas que permearam o desenvolvimento intelectual do comunista sardo, marcando um frutífero embate contra as leituras idealistas, revisionistas, deterministas e economicistas do marxismo da época. Ainda nos escritos pré-carcerários de Antonio Gramsci, muitos de seus interlocutores não tinham ligação com as ideias marxistas. Destaca-se a versatilidade política de seus interlocutores, como o liberal Piero Gobetti, com quem dialogava durante os anos de mobilizações operárias, o *Biennio Rosso*, problematizando a formação do Estado moderno italiano, de caráter não unitário. Esse período, que vai de 1919 a 1920, é marcado pelas experiências de autogestão mediante a ocupação de fábricas e de intensa crise política e econômica na Itália, que precedeu a Primeira Guerra Mundial, tido como o período que, por sua radicalização de luta, desenvolveu em Gramsci as ideias que viriam a se expressar na relevância que o revolucionário sardo delegava ao partido como instrumento de luta fundamental e à organização pela base operária.

Esse é o caso, ainda, de Amadeo Bordiga, que, desprezava temas sobre a questão camponesa “insistindo na exclusividade da classe operária como força da revolução”

---

(Del Roio, 2007, p. 65). Georges Sorel, sindicalista francês de quem Antonio Gramsci se apropria criticamente em certa medida<sup>3</sup>, em seu antijacobinismo, diferente do comunista italiano, nega a ação política direta e a organização partidária, logo, a política em última instância. Benedetto Croce, que entendia o marxismo como mais uma ferramenta para interpretação da história, buscava em Frederick Engels os fundamentos de sua argumentação revisionista, aparecendo no livro como um oportunista político e teórico com um entendimento deformado sobre a lei do valor-trabalho de Marx, simplificada em Croce como uma hipótese não figurativa da realidade. E Antônio Labriola, que se distancia da corrente revisionista da época, mantendo-se atento diante da questão da luta de classes no cenário de expansão imperialista. Nesse afã, busca apresentar os primeiros elementos modernos de interpretação do marxismo “tendo como pilar a explicação materialista da formação social capitalista e a indissociabilidade orgânica entre prática e teoria na ciência e na política” (Galastri, 2015, p. 186), entendendo o materialismo histórico como uma nova concepção de mundo, leitura que viria a consolidar em Gramsci sua filosofia da práxis. Cada um deles, a seu tempo, influenciou criticamente o desenvolvimento teórico de Gramsci.

## **O desenvolvimento de sua teoria política: entre *A questão meridional* e os *Cadernos do cárcere***

Nos escritos sobre a questão meridional, por exemplo, dois meses antes de Antonio Gramsci ser encarcerado, elabora um importante legado sobre as primeiras ideias daquilo que viria a ser a aliança de classe, de inspiração leninista, assim como os esboços sobre a questão dos intelectuais e a função que eles desempenhariam na luta de classes, que aparecem com destaque e simbolizam todo o esforço teórico e as influências que o intelectual italiano tomava, de maneira mais ou menos crítica. Após a derrota da revolução socialista, a ausência de um movimento popular unitário ou os seguintes fracassos ao organizar a “vontade nacional-popular”, uma premissa de origem soreliana que deve ser procurada na situação interna. Gramsci enxergava que, no momento de crise de direção político cultural, as classes subalternas e o comunismo surgiam como alternativa ao socialismo reformista

---

**3** A leitura crítica realizada pelo revolucionário sardo acerca das categorias mito, cisão e bloco de imagens históricas de Georges Sorel compõe o que viria a ser uma das principais categorias gramscianas, o bloco histórico. Antonio Gramsci empreende uma apropriação criteriosa das categorias sorelianas, distanciando-se decisivamente do espontaneísmo da ação sindical tomada a cabo pelo teórico francês, ao passo que prioriza a revolução proletária (Galastri, 2015). Em meio ao clima de enrijecimento e burocratização vividos pela social-democracia alemã, as elaborações de Sorel (contrárias às posições policlassistas) em favor de um sindicalismo revolucionário, pautado no mito da greve geral, sob uma perspectiva popular, tomam força na França e influenciam o movimento de massas, chamando a atenção de Gramsci. Porém, para o italiano, o sindicalismo revolucionário soreliano se expressaria em uma fração das classes subalternas no máximo que poderiam evoluir na luta econômica, sem avançar, contudo, para a luta política mediante a organização da classe operária como sujeito revolucionário organizado em partido revolucionário explicitado no moderno príncipe. São diferenças teóricas que não tardam a cristalizar as diferenças políticas.

---

proposto pelos membros do partido socialista, onde as correntes hegemônicas da classe operária na época socialista e sindicalista revolucionária davam conta de que haveria uma débil tentativa dos camponeses meridionais serem representados por intelectuais mais avançados, fato que culminou na aliança com o campo político da burguesia.

Não menos importante, também é nesse texto que Antonio Gramsci aponta a necessidade de ação revolucionária por parte das classes aliadas (proletários e camponeses), sob a hegemonia proletária contra o capitalismo e o Estado burguês, ressaltando a importância de unificarem-se em um partido das mais amplas massas italianas, tratando-se de uma preocupação do Partido Comunista Italiano e do programa de *L'Ordine Nuovo*, jornal dos Conselhos de Fábrica que Gramsci (2004) dirigia. A diversidade nacional também ganha fôlego nesse seu momento de desenvolvimento teórico, o perfil do campesinato como uma força motriz revolucionária, fosse na Rússia ou na Itália, era enxergado por Gramsci, fato que lhe fez romper com Amadeo Bordiga, em 1923. Ao compreender a nova posição da classe operária no mundo, em uma sociedade onde o imperialismo se desenvolvia, Gramsci via como essa desigualdade de desenvolvimento também tinha caracterizado os Estados-nação. Ao estudar a formação social econômica italiana, destaca a divisão das regiões da Itália em setentrionais, centrais, meridionais e sardos. Ao voltar sua atenção ao estudo e à caracterização dos grupos subalternos do sul, “a bola de chumbo que impedia o desenvolvimento do [n]orte”, o marxista sardo conclui, de acordo com Reis (2013, p. 34) que:

[...] os grupos subalternos do Sul eram pouco ou nada conhecidos pelos operários do Norte. E o seu trabalho atendia justamente a essa necessidade de difundir entre os trabalhadores do Norte, um conhecimento sobre o camponês fundamentalmente histórico e concreto. Como Gramsci não tinha a pretensão de produzir erudição, mas teoria revolucionária, o seu alvo eram as concepções racistas, criadas pela sociologia predominante da época, sobre subalterno do Sul. Vistos como biologicamente inferiores quando comparado ao “nortista”, os camponeses eram responsabilizados pelo atraso econômico e miséria em que viviam. Eles, por serem preguiçosos, eram os únicos responsáveis pela sua precariedade social.

A necessária aliança entre os subalternos das duas regiões, sejam os operários do norte desenvolvido ou os camponeses do sul, possui um nexos orgânico com o conceito gramsciano de *hegemonia*. Porém, ao proletariado eram delegadas as tarefas não resolvidas pela burguesia, em sociedade de desenvolvimento desigual, o que é diferente do etapismo. A palavra de ordem seria estabelecer aliança e governo operário-camponês, como uma forma mais comum e mais conhecida de ditadura do proletariado.

---

Por ocasião da morte de Lênin, Gramsci publica no *L'Ordine Nuovo* uma acertada reflexão sobre a inerência do partido como um elemento praticamente indissociável da classe trabalhadora, “representando seus interesses e aspirações mais profundas e vitais” (Gramsci, 2004, p. 236). Responde sobre essa assertiva ao recuperar a vitalidade do marxismo se este tratar de uma interpretação segura da história e não apenas o que ele caracteriza de método infalível. Exemplifica no Partido Comunista Russo – durante a direção de Lênin – uma viva experiência onde o proletariado exerceu uma ditadura de classe.

E, ao falar de direção, indica fielmente que é impossível pensar tática e estrategicamente em uma revolução sem que a liderança esteja sob a classe operária. Na esteira dessa reflexão, complementa que:

O Partido Comunista Russo, com seu líder Lênin, ligou-se de tal modo a todo desenvolvimento do proletariado russo e, portanto, ao desenvolvimento de toda a nação russa, que não é possível nem mesmo imaginar um sem o outro, o proletariado como classe dominante sem que o Partido Comunista fosse partido de governo [...] (Gramsci, 2004, p. 238).

Pensava no momento de transição ao socialismo, onde, mesmo com a existência de um líder, houvesse uma fundamental circulação de homens de um desenvolvimento crescente de baixo para cima. O problema que se apresenta, ainda nas palavras de Gramsci (2004, p. 247), é o de construir esse “grande exército para as próximas batalhas”, essa frente organizada e consciente de trabalhadores, em seu caso de estudo, na Itália<sup>4</sup>. Para construir esse exército, essa grande massa consciente, o *L'Ordine Nuovo* representava uma necessidade dessa massa, visto que “soube traduzir na linguagem histórica italiana os principais postulados da doutrina e da tática da Internacional Comunista” (Gramsci, 2004, p. 247).

O jornal inspiraria, por conseguinte, “o partido das mais amplas massas italianas, capaz de realizar a hegemonia do proletariado no amplo quadro da aliança entre a classe operária e a massa dos camponeses” (Gramsci, 2004, p. 254). É a inspiração no leninismo que aproxima Antonio Gramsci do marxismo clássico, inaugurado com Marx e Engels. Partindo dessa raiz revolucionária do marxismo, aprimora as proposições marxistas e leninistas como, por exemplo, ao apresentar o desenvolvimento teórico sobre o conceito de *hegemonia* pensado não só por meio de sua base material, mas também delegando importância à cultura, logo, aos papéis dos intelectuais como direção e mediação política e cultural de uma classe social sobre a sociedade.

---

<sup>4</sup> Vale ressaltar que, mesmo partindo da análise italiana, Gramsci pensa o partido e a revolução em caráter internacionalista.

---

Nesse ensejo, o plano de fundo para que Antonio Gramsci escrevesse sua principal obra, *Cadernos do cárcere*, dá-se no contexto da história italiana e das lutas de classes mundiais, em função de um balanço de suas experiências políticas anteriores, ainda sobre o impacto da Revolução Russa de outubro, do legado dos conselhos e das ocupações de fábrica em Turim, entre os anos de 1919 e 1920, a fundação do Partido Comunista da Itália, em 1921, a ascensão do fascismo, assim como os debates da III Internacional. Desenvolveu abordagens teóricas relacionadas a aspectos da superestrutura, em um momento de burocratização da União Soviética, sem descurar a centralidade do trabalho na reprodução da vida social, visando a estratégias de transição revolucionária. Assim, o marxismo gramsciano tinha como característica:

A preocupação [...] em esclarecer a relação entre filosofia, política e história colocada a partir da necessidade de enfrentar as interpretações mecanicistas do marxismo, cuja influência no movimento operário italiano (principalmente Bukhárin) precisava ser considerada; também para romper com as interpretações idealistas (Croce e Gentile), em função da liderança ideológica destes dois grandes intelectuais na Itália, líderes nacionais de movimentos de cultura, representantes de um hegelianismo degenerado e mutilado, a partir do qual reinterpretam o marxismo reduzindo-o a mais uma filosofia especulativa (Schlesener, 2007, p. 41).

Não é demais mencionar que estar a par da biografia de Gramsci é uma premissa fundamental para entender sua elaboração teórica. Escreve sua principal obra encarcerado pelo regime fascista de Mussolini, onde permaneceu durante fevereiro de 1927 – data de sua prisão – até 1935, ano em que veio a falecer, logo após ser libertado. É posto na cadeia para que parasse de pensar e, como forma de manter-se vivo e lúcido, desenvolve o projeto de escrita baseado no plano de estudos que se dá a partir de temas que ele enuncia nas cartas trocadas com sua cunhada, Tatiana Schultz, que daria origem aos *Cadernos*, demonstrando a importância do ato de escrever para o revolucionário sardo. Certamente, Gramsci não imaginaria que seus escritos carcerários se tornariam essa obra tão importante, bastante utilizada na ciência política, sociologia, educação, entre outras ciências, apresentando conceitos fundamentais para uma teoria da práxis revolucionária até os dias de hoje. Para atingir nossos objetivos com esse trabalho, aprofundar-nos-emos no estudo da categoria de sujeito subalterno, pensando essa condição historicamente estabelecida e suas consequências para as sociedades de desenvolvimento desigual.

---

## A maturação intelectual de Antonio Gramsci e a condição subalterna

Massimo Modonesi afirma acertadamente que Gramsci foi o primeiro marxista a utilizar a categoria *subalterno* com uma densidade teórica não experimentada anteriormente, que ia além do sentido convencional, referindo-se à subordinação derivada de uma estratificação hierárquica, possuindo estreita relação com sua formulação sobre hegemonia (Modonesi, 2010).

Porém, o marxista sardo não desenvolveu esse conceito de maneira aberta nos *Cadernos*, sendo necessário lembrar que, ao escrever o “Caderno 25”, em 1932, por exemplo, nas mais de 15 páginas onde recupera metodologicamente o sentido dos grupos subalternos, como eles se formariam e por que finalidade, Gramsci já experimenta o esgotamento de suas capacidades intelectuais e físicas. Para chegar ao conceito de subalterno, o italiano remete a um “par dicotômico” entre dominação e subalternidade, quem domina e quem é dominado – seja o governante ou patrão – em hierarquia (Semeraro, 2014). Indica em todo trajeto histórico-político de suas obras (incluindo decisivamente as pré-carcerárias) como se deu a construção da subalternidade na Itália, partindo da análise do processo de unificação do Estado italiano e das políticas protecionistas que faziam escoar recursos do *Mezzogiorno* para a região fértil da Itália Setentrional, como bem ressalta Aliaga (2016).

O primeiro significado atribuído à subalternidade foi o sentido literal de hierarquização do exército, inclusive pelo revolucionário italiano, ainda no “Caderno 1”, onde a igreja também aparece como uma força subalterna e não mais uma potência ideológica, havendo perdido sua posição de predomínio (Green, 2007). Depois, no “Caderno 3”, § 14, de 1930, Gramsci emprega pela primeira vez o “tratamento de classe social ao termo subalterno”, no parágrafo intitulado “História da classe dominante e das classes subalternas”, sendo reagrupadas posteriormente no “Caderno 25”, de 1934 (Green, 2007; Liguori, 2013). É nesse caderno temático que Gramsci avança em seus critérios metodológicos relacionais para apreender as características que perfazem os grupos subalternos (não mais classes) e suas possibilidades de organização em um partido e em um Estado integral, rompendo com o historicismo unilateral.

Entre os estudiosos do pensamento gramsciano sobre os grupos sociais subalternos, é unânime a percepção de que há um descolamento da dimensão política dessa categoria, que, nos *Quaderni del carcere*, prevê sua emancipação por meio da formação de uma consciência crítica de classe, ancorada no princípio da luta de classes, valendo-se da historização para a compreensão de determinado evento (Liguori, 2013). O termo *subalterno*, que, ainda de acordo com Guido Liguori, está diretamente relacionado com os conceitos de sociedade civil, Estado e hegemonia, pode ser interpretado em contraponto com o que representa

---

a classe dominante, tratando-se portanto de uma categoria relacional. Para elucidar a contraposição entre os conceitos *hegemonia* e *subalternidade*, Liguori (2013) lembra, ainda, que as subjetividades, o lado cultural e ideológico dessa dominação, amplia-se em relação às conhecidas categorias marxistas burguês/proletário, sem, contudo, ser entendida como uma negação à teoria marxista das classes (Liguori, 2013). Ao se referir aos subalternos, Antonio Gramsci estaria ampliando “seu raio de visão, perscrutando, a partir da questão meridional italiana, uma questão meridional planetária, composta por imensa e diversificada zona colonial”, buscando avançar na formação de uma frente única de classes, sob direção proletária, levando em consideração as especificidades nacionais (Del Roio, 2007, p. 77). Segundo Gramsci (2002, pp. 139-140):

As classes subalternas, por definição, não são unificadas e não podem se unificar enquanto não puderem se tornar “Estado”: sua história, portanto, está entrelaçada à da sociedade civil, é uma função “desagregada” e descontínua da história da sociedade civil e, por este caminho, da história dos Estados ou grupos de Estados.

Com essa reflexão, Gramsci (2002) pretendia elucidar a divisão e a diferente formação econômico-social italiana (entre os setentrionais, centrais, meridionais e os sardos), expressão das contradições históricas mais profundas de dominação no terreno estrutural e superestrutural, onde a unidade seria fundamental para a conformação do Estado. Sem descuidar da carga cultural da categoria subalterna, o revolucionário sardo explicita que, por estarem desagregadas no terreno da sociedade civil – onde se disputa hegemonia e poder – e por terem sua atividade organizativa e cultural continuamente rompida pela iniciativa dos grupos dominantes, seria apenas mediante a iniciativa autônoma e a tomada de consciência de sua personalidade histórica que se possibilitaria sua transformação em favor de uma existência objetiva com representação política. Essa seria uma tarefa que estaria atada à filosofia da práxis, à formação de intelectuais orgânicos e à “possibilidade de se tornarem partido em disputa pela hegemonia”, quando se produz uma revisão de todo modo de pensar porque se modifica o modo de ser da classe subalterna (Galastri, 2014). Só se pode mudar a direção política e cultural de uma classe social transformando-a. Para Antonio Gramsci, essa é uma função determinante dos intelectuais em luta política, por representarem o vínculo orgânico entre o modo de produção e a superestrutura.

Giorgio Baratta indica acertadamente que ao nos referirmos à categoria *subalternos* devemos fazê-lo de maneira dialética, por se tratar de uma parte da sociedade que “sofre domínio-hegemonia” de diferentes âmbitos – seja econômico, político, militar ou cultural (Baratta, 2011). Ancorado no princípio da luta de classes, Antonio Gramsci prevê a possibilidade de emancipação da subalternidade mediante a formação de uma consciência

---

crítica de classe, organização e historização, visto que somente uma vitória permanente poderia romper o vínculo hegemônico-dominante. O horizonte autônomo dos subalternos – complementa Baratta (2011), com base na concepção gramsciana – prevê o “espírito de cisão” soreliano, ou seja, o sentimento material de apartação de classe que o sindicalista francês Georges Sorel descreve como cisão de classes, uma reforma moral do proletariado. Porém, desde a tradução gramsciana, essa cisão é indispensável porque os grupos subalternos aparecem sob a iniciativa dos grupos dominantes “mesmo quando se rebelam e insurgem” (Gramsci, 2002, p. 135). A construção de um novo bloco histórico e o espírito de cisão na perspectiva do marxista sardo se diferencia da visão soreliana por evoluir para além da luta econômica com o mito da greve geral, avançando para a luta política por meio do partido revolucionário. Sob uma perspectiva mais elaborada do jacobinismo, como categoria histórico-política capaz de harmonizar os interesses das massas urbana e camponesa em uma “vontade nacional popular”, Gramsci (2016) rebate justamente o espontaneísmo da ação sindical, a restrição à luta corporativa, bem como o economicismo, como vemos nas notas sobre Maquiavel, ao ressaltar a importância teórica de pensar um sujeito coletivo, que transforme o indivíduo.

Seguimos com o pensamento de Baratta (2011, p. 169), que clarifica que a autonomia integral como objetivo do subalterno não é outra coisa senão:

[...] a constituição de um “moderno príncipe”, ou seja, de um partido das classes subalternas capaz de adquirir “a autonomia nos confrontos com o inimigo a abater e a adesão dos grupos que as ajudaram ativa ou passivamente” [...] ao passo que a luta hegemônica, até tornar-se Estado das classes ou grupos sociais subalternos, implica a estratégia de “frente unida”.

Giorgio Baratta indaga: como se pode unificar o que se encontra desagregado? Não se trata de uma tarefa simples, tampouco pode ser desenvolvida por um indivíduo sozinho.

Gramsci lembra que “a unidade histórica fundamental, pela sua concretude, é o resultado das relações orgânicas entre Estado ou sociedade política e ‘sociedade civil’”. Estamos no auge da luta hegemônica. A questão política da unidade das classes subalternas – considere-se a referência às classes, termo aparentemente obsoleto, nesse texto mais moderno, o Caderno 25 – ataca processos concretamente universais e, poderemos acrescentar, nacionais-internacionais (Baratta, 2011, p. 171).

---

É o momento de maturação intelectual de Antonio Gramsci quando, ao tentar buscar razões da derrota do *biennio rosso* e os caminhos da revolução socialista na Itália e no mundo, pensando estratégias radicais de transformação sociopolítica, volta-se para a diversidade e as especificidades nacionais das quais faziam parte escravos, camponeses, grupos religiosos, mulheres, diferentes raças, artesãos e, claro, o proletariado - quando não se consegue exercer a autonomia surge, no sentido marxiano, a mesma *condição* de classe (Green, 2007).

Green (2007) elucida, ainda, o triplo interesse gramsciano pelos subalternos em relação a uma radical transformação sociopolítica: o desenvolvimento de uma metodologia da historiografia subalterna, uma história da classe subalterna e uma estratégia política de transformação apoiada no desenvolvimento histórico e na existência dos subalternos (Galastri, 2014). Entender a história dos grupos subalternos corresponde ao entendimento de que a autonomia de uma classe se desfaz ao passo que se descentraliza toda a vida nacional das mãos da classe dominante. A “questão política da luta hegemônica se associa à questão metodológica da ação historiográfica”, como acertadamente destaca Baratta (2011, p. 171). Compreender a unificação histórica da classe dominante hegemônica, que se dá no Estado - mesmo que em um conjunto de frações - é uma valiosa contribuição do marxista italiano para construir uma hegemonia distinta. A direção consciente seria “a ação política real das classes subalternas”, distante de espontaneísmos puros - como afirma Gramsci (2016, p. 199) no “Caderno 3”, § 48: “como política de massas e não simples aventura de grupos que invocam as massas”, pretendendo representá-las.

Muito embora partindo da perspectiva italiana - uma sociedade típica de onde o capitalismo se desenvolve de forma tardia -, podemos inferir a elaboração teórica gramsciana sobre os subalternos com o caso latino-americano, isto é, classes impedidas de formalizarem-se, também pelas narrativas hegemônicas.

Del Roio (2007, p. 64) acrescenta ao debate que, hoje, a teorização sobre os subalternos geralmente parte de uma perspectiva distante do campo metodológico de Antonio Gramsci, quando não antagônico a esse, a exemplo da utilização do termo para conformar a fragmentação pós-moderna e a defesa de direitos particulares. A perspectiva revolucionária gramsciana da categoria subalternos se estende aos conceitos consagrados de “proletariado” e “campesinato”, por serem insuficientes para se “compreender em toda sua natureza e diversidade as lutas de classe na Itália” da época, ao passo que contemplavam elementos teóricos que pudessem compor uma “nova sociedade civil anticapitalista” (Del Roio, 2007; Galastri, 2014). Sabe-se que o pensador italiano parte do estudo das classes subalternas sob uma visão revolucionária, explicitando sua condição social e pensando a disputa pela hegemonia por parte dessas classes, em uma aproximação com o pensamento de Vladimir Lênin quanto à não exclusividade da classe operária como força revolucionária, ponto de partida pertinente para estudar a situação latino-americana. Del Roio (2007)

---

indica, ainda, outra afinidade de Gramsci com o pensamento leninista: a primordialidade de formar uma frente única de classes, incluindo as classes subalternas.

Tendo estudado a partir da perspectiva italiana – uma sociedade típica de capitalismo que se desenvolve de maneira tardia – podemos inferir a elaboração teórica gramsciana sobre os subalternos, classes impedidas de formalizarem-se pelas narrativas hegemônicas, com o caso latino-americano.

## **Breves conclusões: o frutífero encontro entre Antonio Gramsci e a América Latina**

Ao analisar uma sociedade em perspectiva marxista, fato que ocorre em paralelo a determinados contextos políticos e intelectuais, seja de transição, seja em momentos de avanço da luta de classes ou em momentos pós-revolucionários, também se pensa em renovações de discursos e práticas do marxismo, dadas as mudanças de época e de local, como maneira de responder às especificidades nacionais ou regionais. Foi o que aconteceu quando a obra de Gramsci se difundiu na América Latina.

Segundo Bórquez (2013), entre os diversos acontecimentos que marcaram a América Latina nos anos 1960 – sob a influência, entre outros acontecimentos, da revolução cubana – particularmente a juventude, em confluência com a mobilização estudantil mundial<sup>5</sup>, critica-se uma visão dominante do marxismo, resultante da inoperância das organizações de esquerda e dos partidos comunistas latino-americanos, um fato que determinará, concordando com a autora, “a forma e o propósito político” com que se difunde a obra de Antonio Gramsci no subcontinente. Assim, contrariamente àquilo que acontecia na Itália, a obra de Gramsci toma fôlego na América Latina em meados das décadas de 1960 e 1970.

Giuseppe Vacca (2009 como citado em Góes, 2016) acrescenta ao debate que diante da impossibilidade de fazer um levantamento teórico de qualquer autor descolado da realidade, a difusão do pensamento de Gramsci teve grande influência na renovação dos intelectuais latino-americanos, em busca da criação de novos projetos políticos.

Aricó (2005) realiza um importante estudo sobre o tema, destacando o grupo de gramscianos argentinos, do qual fez parte, também destacando diante de quais demandas tiveram início as traduções e publicações da obra carcerária do marxista sardo. Para o autor, recordar o contexto político e intelectual fez com que diferentes temáticas e apropriações surgissem em distintas regiões.

Destacam-se dois momentos:

- No início dos anos 1970, dada a expansão da Revolução Cubana e os sucessivos golpes militares como consequência da ofensiva violência armada e da contrarrevolução,

---

5 A exemplo do emblemático maio francês de 1968.

---

onde o pensamento gramsciano contribuía para alavancar projetos radicais de transformação;

- O outro momento se daria nos anos 1980, quando aparece uma leitura de Gramsci irredutível ao leninismo e problematiza-se a validade do conceito de hegemonia, aprofundando a noção leninista de aliança de classe, na medida em que se “privilegia a constituição de sujeitos sociais através da absorção e deslocamento de posições [...] ‘econômico-corporativas’ e, portanto, incapazes de se tomar ‘Estado’” (Aricó, 2005, p. 112)<sup>6</sup>.

Ainda sobre essa divisão entre as influências e instrumentalizações da teoria gramsciana para pensar o subcontinente, Bórquez (2013) destaca um terceiro momento, que seria o atual.

Se as décadas de 1960 e 1970 estariam marcadas pela renovação do pensamento marxista no subcontinente em termos revolucionários, dos anos 1980 até os anos 2000, as leituras de Antonio Gramsci apareciam descuradas de seu sentido revolucionário e de todo sentido político para serem convertidas no percurso dos estudos culturais, o momento atual – marcado pela tradução das edições críticas de Valentino Gerratana – retrataria um Gramsci integral em sua potencialidade revolucionária, retirando-o do seu “segundo cárcere”, onde teria sido posto com o advento da pós-modernidade na academia, ou no máximo um teórico da democracia liberal. Para a autora, o revolucionário sardo resgatou o pensamento de Karl Marx de visões economicistas e dogmáticas, tendo apresentado conceitos inéditos, como a filosofia da práxis, para, ao mesmo tempo que driblava a censura carcerária mussoliniana, falar de marxismo ou materialismo histórico desde uma prática revolucionária, partindo da análise da situação concreta (Bórquez, 2013).

Antonio Gramsci foi um intelectual que, de certa forma despretensiosa e ao mesmo tempo metodologicamente rigorosa, enriqueceu as categorias originárias do marxismo clássico, como o próprio conceito de classe. Analisando além da estrutura como forma explicativa das transformações sociais, delegou uma importância revolucionária aos aspectos superestruturais, travando uma batalha cultural, pelo discurso, pelo relato, algo que temos visto permear as preocupações da produção acadêmica latino-americana.

Contudo, no subcontinente, seu legado teórico foi instrumentalizado para intervir na realidade política desses países, como forma de interpretar as realidades locais. Assim, uma série de conceitos gramscianos que se tornaram populares na América Latina, como *hegemonia*, *intelectual orgânico* e *revolução passiva*, tinham uma eficácia política e, nesse sentido, eram politizados, porém, não necessariamente se vinculavam de maneira mais rigorosa àquilo que Antonio Gramsci havia pensado originalmente ao formulá-los. Desenvolve-se um uso bastante particular dos conceitos gramscianos, muitas vezes mais

---

<sup>6</sup> Tal assertiva foi resumida por Aricó sob as conclusões políticas descendentes do Seminário de Morelia, ocorrido em fevereiro de 1980, onde se discutiu fundamentalmente a validade do conceito de *hegemonia*.

---

informados por outras perspectivas e outros debates políticos em vez daqueles que orientaram Gramsci para elaboração desses conceitos. O compromisso filológico não se estabelece entre os pesquisadores latino-americanos.

Há uma particularidade apresentada por Nestor Kohan sobre a difusão das obras de Antonio Gramsci na Argentina, o ineditismo; antes mesmo de serem conhecidos em países como a França, Inglaterra, Alemanha ou Estados Unidos da América (EUA), em terras portenhas já havia essa propagação por meio da revista *Pasado y Presente* (P&P), fundada em 1963 em Córdoba. Os intelectuais e militantes que compunham a P&P tinham em suas trajetórias um envolvimento crítico com o Partido Comunista, marcadamente nos períodos de interrupções democráticas (Kohan, 2005).

Contemporaneamente, são marcantes as produções advindas dos intelectuais vinculados à Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Latino-Americanos e seus desenvolvimentos teóricos a partir de elaborações e contribuições gramscianas. E também as leituras do boliviano René Zavaleta Mercado sobre o nacional-popular em Gramsci. René Zavaleta, mesmo acionando categorias gramscianas, utiliza um ecletismo teórico que especula sobre diversos aspectos da vida social, categorizados em sua sociedade *abigarrada* ou sua formação social *abigarrada* – um termo que não possui tradução e que busca demonstrar a mestiçagem boliviana, a influência indígena, camponesa, mineira, misturadas em uma só sociedade, em um só plano político, “com tempos socioeconômicos distintos [onde] nenhuma delas é capaz de impor sua hegemonia completamente sobre as outras” (Cunha, 2014, p. 169). Assim como faz o intelectual Álvaro García Linera, que foi vice-presidente da Bolívia.

No Brasil, além das elaborações de Carlos Nelson Coutinho, principalmente em suas leituras de Guido Liguori, e da utilização do conceito de *revolução passiva* pelo brasileiro, destacam-se os trabalhos de Edmundo Fernandes Dias, Marcos Del Roio e Álvaro Bianchi, além da longa e frutífera produção de pesquisadores da Internacional Gramsci Society (IGS) – Seção Brasil<sup>7</sup>. Os pesquisadores da IGS, em todas as regiões do país, têm intensificado a necessidade de estabelecer a rigorosidade da pesquisa filológica dos conceitos gramscianos, alinhando os interesses do presente ao método de restauro, principalmente do sentido revolucionário desses conceitos. Também cabe destacar o trabalho em elaboração de tradução da edição crítica italiana dos *Cadernos do cárcere*, que busca trazer a público todos os textos da edição Gerratana, enriquecido com as pesquisas da edição nacional italiana, coordenada por Giovanni Semeraro, assessorado por Gianni Fresu.

Trata-se de tarefa imprescindível para nós que almejamos a formação da consciência crítica de mundo, expressa na luta teórica e de classes, com o compromisso de continuar a ecoar o pensamento revolucionário de Antonio Gramsci e suas vias estratégicas de emancipação das classes e dos grupos subalternos, também no Sul global.

---

7 Sob o tema, conferir Semeraro (2016).

---

## Referências bibliográficas

- Aguiar, D. (2017). *Entre a subalternidade e o socialismo indoamericano: existe um pensamento marxista decolonial?* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB.
- Aliaga, L. A. A. O. (2016). Transformismo, hegemonia e subalternidade no pensamento de A. Gramsci. In *10o Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política*. Belo Horizonte, MG.
- Anderson, P. (2004). *Considerações sobre o marxismo ocidental/Nas trilhas do materialismo histórico*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Aricó, J. (2005). *La cola del diablo. Itinerario de Gramsci en América Latina*. Buenos Aires, Argentina: Siglo XXI.
- Baratta, G. (2011). *Antonio Gramsci em contraponto*. São Paulo, SP: Ed. UNESP.
- Bórquez, E. C. (2013). Gramsci em América Latina. In M. Modonesi (Org.), *Horizontes gramscianos: estudios en torno al pensamiento de Antonio Gramsci* (pp. 261-276). México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México.
- Cunha, C., Filho. (2014). A construção do Estado plurinacional na Bolívia como tentativa de institucionalizar o abigarrado. *Revista de Estudios Bolivianos*, 20, 166-194.
- Del Roio, M. (2007). Gramsci e a emancipação do subalterno. *Revista de Sociologia e Política*, 29, 63-78.
- Galastri, L. (2014). Classes sociais e grupos subalternos. *Crítica Marxista*, 39, 35-56.
- Galastri, L. (2015). *Gramsci, marxismo e revisionismo*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Gramsci, A. (2002). *Cadernos do cárcere. O risorgimento. Notas sobre a história da Itália* (Vol. 5). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Gramsci, A. (2004). *Escritos políticos* (Vol. 2). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Gramsci, A. (2016). *Cadernos do cárcere. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política* (Vol. 3, 7a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Green, M. E. (2007). Sul concetto gramsciano di “subalterno”. In G. Vacca, & G. Schirru (Orgs.), *Studigramscianinel mondo (2000-2005)*. Bologna, Italia: Mulino.
- Kohan, N. (2005, 26 de fevereiro). *José Aricó, “Pasado y Presente” y los gramscianos argentinos*. Recuperado de <https://rebellion.org/jose-arico-pasado-y-presente-y-los-gramscianos-argentinos/>
- Lênin, V. I. (2006). *As três fontes e as três partes constituintes do marxismo*. São Paulo, SP: Expressão Popular.
- Liguori, G. (2013). Tres acepciones de “subalterno” en Gramsci. In M. Modonesi (Org.), *Horizontes gramscianos: estudios en torno al pensamiento de Antonio Gramsci* (pp. 19-42). México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México.

---

Modonesi, M. (2010). *Subalternidad. Conceptos y fenómenos fundamentales de nuestro tiempo*. Recuperado de [http://conceptos.sociales.unam.mx/conceptos\\_final/497trabajo.pdf](http://conceptos.sociales.unam.mx/conceptos_final/497trabajo.pdf)

Reis, C. (2013, setembro). “Sete ensaios de interpretação da realidade peruana” e “A questão meridional”: aproximações, teoria política e alteridade. In *Anais do 5o Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina*. Londrina, PR.

Schlesener, A. H. (2007). *Hegemonia e cultura: Gramsci*. Curitiba: Ed. UFPR.

Semeraro, G. (2014). Gramsci e os movimentos populares: uma leitura a partir do Caderno 25. *Revista Educação e Sociedade*, 35(126), 61-76.

Semeraro, G. (2016). *Mapa bibliográfico de Gramsci no Brasil*. Recuperado de <http://igsbrasil.org/biblioteca/artigos/material/MapaBibliograficoGramsciBrasil.pdf>

## Para citar este artigo

### Norma A – ABNT

AGUIAR, D. Antonio Gramsci e a análise de sociedades de desenvolvimento desigual. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 12, n. 28, p. 42-59, 2022.

### Norma B – APA

Aguiar, D. (2022). Antonio Gramsci e a análise de sociedades de desenvolvimento desigual. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, 12(28), 42-59.

### Norma C – Vancouver

Aguiar D. Antonio Gramsci e a análise de sociedades de desenvolvimento desigual. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado* [Internet]. 2022 [cited Jan 4, 2022];12(28):42-59. Available from: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/7835>